

Titulos

A Padeira de Aljubarrota
Auto Novo e Curioso da Padeira de Aljubarrota
em que se contam a vida e as façanhas
desta valorosa matrona

Autores

J. A. de Oliveira Mascarenhas
Diogo da Costa (pseud)

*Direitos Reservados
para actualização ortográfica*

© Esfera do Caos Editores Lda

Design

Flukstudio

Impressão e Acabamento

Papelmunde SMG Lda

Depósito Legal

XXXX

Isbn

989-8025-04-2

1^a Edição

2006

ESFERA DO CAOS EDITORES LDA

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa
esfera.do.caos@netvisao.pt



Índice

A PADEIRA DE ALJUBARROTA	9
O terror do Algarve	11
Infelizes amores	17
A morte do alentejano	25
Presa dos piratas	31
A fuga	37
Conclusão	43
AUTO NOVO E CURIOSO DA PADEIRA DE ALJUBARROTA EM QUE SE CONTAM A VIDA E AS FAÇANHAS DESTA VALOROSA MATRONA	49

*A Zadeira
de Aljubarrota*

J. A. de Oliveira Mascarenhas



Infelizes amores

A chegada da Padeira de Aljubarrota ao célebre *campo das justas*, aumentara muito a influência dos que apostavam por ela; sendo também certo que os homens de S. Lucar tinham da sua banda grande número de entusiastas.

– Pela Santíssima Virgem! – exclamara um andaluz, no próprio idioma pátrio. Pois há-de um raio de uma mulher vencer dois filhos da terra de Cid Campeador?!...

– Nunca!... Nunca! – berraram rubros de patriotismo outros *feros* conterrâneos do imortal Dom Quixote.

– Pois esperai por essa! – respondera, sorrindo, um alentadíssimo besteiro das mesnadas do Alentejo. Brites é mulher para vos moer a todos... e até o Cid Campeador, se esse *gajo* vivesse.

– Que heresia!... Que heresia!...

– Pois ide conversando. Eu cá dou tudo pela Brites... e veremos quem é que perde.



E de repente fizera-se na assistência um silêncio relativo.

É que a virago – a um sinal do *mestre campo* – saltara a *terreiro* com um dos dois contendores.

Depois mediram-se com olhos rubros... cuspiram nas mãos... e esperaram a voz para começar o duelo.

– Um... Dois... Três... Já!

E os paus – num manejo complicado – entrechocaram-se brutalmente; seguindo-se depois os vários ardis do jogo, que, se não fossem oportunamente varridos, podiam levar a morte ao primeiro descuidado.

– Isso!... Isso, valente Brites! – gritavam os portugueses, toda a vez que a algarvia atingia o contendor.

– Ahi... ahi rapariga! Uga... uga! – trovejava o alentejano, com os olhos espetados na horripilante brigona.

E a endemoinhada dava saltos como corça... ajoelhava-se de quando em quando... cobria a cabeça com o pau... desenvolvia furiosos sarilhos... e – tendo conseguido estafar o espanhol – abria-lhe alfim o *bestunto* com uma enorme bordoadada.

– Bravo!... Bravo!... – aplaudiram ufanos os selvagens portugueses.

Quanto aos andaluzes, estavam fulos de raiva.

Pudera!

É que o fiasco prometia ser completo.

Os mais exaltados dirigiam graves insultos a *la virgen y su hijo*, enquanto os filhos do Algarve bebiam com a megera não poucas concas de vinho.

O besteiro alentejano – assaltado de repente por um amor caprichoso – sentia o coração aos pulos e com tendência a arrombar-lhe a própria caixa torácica.

Quisera ir ter com ela, e falar-lhe *a preceito* deste afecto repentino; mas resolvera esperar o último triunfo, para então abrir as válvulas à *inopinada paixão*.



– Vamos à outra justa! – ordenara o *mestre campo*, depois de escorripichada um albarrada de vinho.

– A ela!... A ela! – gritavam todos.

E enquanto o segundo adversário fitava tudo e todos com um solene desprezo, a Brites dava um salto de *clown* e quadrava-se com galhardia na vanguarda do espanhol.

O momento era gravíssimo.

Se a valentona algarvia ganhasse mais uma vez, lá se ia o dinheiro de grande número de apostas, e a *honra* dos pátrios lares de Vivar e Sancho Pança.

Ah! Mas o andaluz – muito mais fraco que o outro – fiava-se, como os vários conterrâneos, no relativo cansaço da filha do pescador.

E entretanto os espanhóis enganavam-se redondamente.

Porque a terrível Megera já se havia retemperado com o sumo das brancas uvas dos parreirais da Fuzeta.

E, dadas as vozes do uso, seguira-se o segundo duelo, ficando logo quebrado o bordão do espanhol.

– Pelos cornos do diabo! – bradavam os andaluzes. Onde está a alma de Cid, que assim deixa sujar a fama de uma terra de valentes?

Ah! mas a Gorgona de Faro quis ser uma vez generosa com o seu antagonista.

Oferecera-lhe o próprio marmeleiro e recebera dum patricio um rijo pau de carvalho.

Posta de seguida em ordem, esperara o ataque do contendor, que despedia golpes à toa num estúpido esbanjamento.

– Eh! lá! – trovejara a virago, já farta de varrer pauladas. Põe-te lá em guarda, se não queres ver o *toutiço* transformado em *migalheiro*.

E palavras não eram ditas, e já o fanfarrão apanhava tal carvalhada que o fizera rodopiar e ir de ventas ao chão.

Ah! então o delírio dos portugueses chegara ao máximo grau!...

- Viva a heroína!...
- Viva Portugal! Viva!
- Viva a honra da nossa terra! Viva!
- Saltem concas e embôlhas!...
- Sim... sim... Venha vinho! Venha vinho!
- E paguem-se as últimas apostas!...
- Mas isso já... sem tardança.

E de seguida ao pagamento das apostas, os espanhóis – cheios de rancor – abandonaram o *terreiro das justas*, vomitando sempre improperios contra *la virgen, su hijo*, e o Cid Campeador, a cuja indiferença atribuíram o fiasco por que passaram.



Ora... quando já estavam esgotados os *vivas*, os entusiasmos e o vinho de três enormes embôlhas, o *besteiro* alentejano – que sentia galopar o seu amor pela Brites – avançara aos *zigue-zagues* para ela; e, tendo-lhe pegado numa das mãos de seis dedos, colocara-a sobre o peito e beijara-a sofregamente.

– Amo-te! – confessara-lhe ele, buscando ao mesmo tempo abraçar-lhe o busto hercúleo... mais negro que um tição.

E repetira:

– Amo-te e desejo ligar-me a ti, se for da tua vontade...

Brites de Almeida medira com olhos espantados o bêbedo do Alentejo; e se lhe não desfizera logo os quei-

xos com um murro, foi tão-somente para obrigá-lo a pagar caro a declaração, que importava – segundo ela – um ousado atrevimento.

- Com que então gostas de mim, não é verdade?...
- Juro-to pelas setas da minha aljava.
- És besteiro?
- Há seis anos amada Brites...
- Do conto ou de fraldilha?
- Sou da mesnada de Beja.
- Pois muito bem... Ora dize-me: sabes jogar o pau?
- Talvez tanto como tu.
- Bravo – exclamara ela, cravando uns olhos de

milhafre no jogral interlocutor.

E após curtíssimo silêncio:

– Optimamente. Brites de Almeida será a tua esposa, se acaso a vences num combate de varapau. Aceitas?

- Nem se pergunta... Ah! amo-te tanto, rapariga!...
- Pois fica pactuado.
- Quando há-de ser a *justa*?
- Quando tu o desejares.
- Seja amanhã... se quiseres...
- Seja amanhã, como dizes.
- Apostamos pela Brites! – bradaram os circunstantes.



E metera-se a noite.

Depois separaram-se todos.

A Brites recolhera à habitação paterna, onde acabara de emborrachar-se com o vinho que encontrou; caindo depois num sono tão profundo, que não ouvira a *ladainha* do pescador e mulher:

- O estupor ainda não foi desta!...
- É que vaso ruim não quebra.
- Segundo se diz em Faro, os caceteiros andaluzes ficaram desconjuntados!...
- Esta maldita é da pele do diabo!...
- Qualquer dia temos meirinho ao ferrolho.
- Isso é lá com ela.
- Sim. Não fomos nós que a encaminhámos para o ofício de brigona.



E enquanto Brites ressonava como um javardo, e os pais a mimoseavam com uma enfiada de palavrões, o besteiro da mesnada sonhava com a virago, e sentia o coração em saltos de gafanhoto.

Depois figurava-se-lhe a sangrenta brutalidade do estúpido duelo; e cada bordoadá sofrida pelos lombos dos espanhóis soava-lhe ao ouvido como que se fora um hino de triunfo.

Ah! mas de seguida interrompera-se este sonho *delicioso*, para ser continuado por cruel pesadelo.

É que lhe interessava agora o cérebro entorpecido a célebre cláusula do desejado casamento: Ser vencido pela Brites equivaleria a perdê-la... e a cair-lhe a alma num abismo de tortura!...

E o bêbedo entrara a barafustar com pés e mãos, na ânsia de chegar a qualquer coisa que não passava de visão.

Depois, erguera o gigantesco busto na espécie de tarima em que se havia deitado:

– Brites... Amo-te... Não me fujas!... Olha querida, se te deslombar com o meu cacete, crê que é só para ganhar a tua desejada mão. Sim... sim, ó Brites da minha

alma!... Porque, segundo o nosso ajuste, terei de perder-te para sempre, se te não puser num feixe os teus adorados ossos.